TL 1618

Novos aspectos da etnozoologia timorense

A presente comunicação, ocupando-se igualmente de certas facetas de índole animológica de Timor, pode considerar-se como segunda parte da que, há cerca de dois meses, tive a honra de trazer à Academia. Fundamenta-se também em investigações pessoais realizadas no Timor Português e em informações de outros estudiosos. Pretende ser mais um contributo para o conhecimento de tão importante capítulo da etnologia timorense, se bem que, como afirmei então, nem sempre seja fácil encontrar a origem e interpretar as manifestações culturais de gentes menos evoluídas que, através das eras, receberam influxos de diversas proveniências, condicionadoras de concepções fantasiosas, típicas das imaginações ardentes dos Orientais.

Conquanto nem todos os animais tenham o merecimento etnológico do búfalo e do jacaré, entre os que interessam ao tema deste estudo salientarei alguns — embora reconheça a impossibilidade de aludir agora a tanto que haveria a dizer sobre mamíferos, aves, répteis, batráquios, peixes e invertebrados, como protagonistas do folclore de Timor. Hoje restringirei as minhas considerações ao porco, ao macaco, ao dugongue, ao galo e à enguia.

★

1. Abundam na ilha de Timor os porcos domésticos e bravos (os que se afastaram da povoação em tenra idade ou nasceram no mato).

In: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Ciências
Tomo XV
Lisboa 1971

Apresentam características anatómicas especiais que, de algum modo, lembram as dos javalis, no focinho bastante comprido, ainda que diferenciando-se destes no aspecto exterior do abdómen que, por tão dilatado, frequentemente, se arrasta pelo chão. Tais ventres costumam chamar-se «barrigas de sagu», em virtude de os suínos se alimentarem amiúde desta farinha, obtida dos troncos de certas velhas palmeiras tombadas (sobretudo a palapeira e o gamúti, produtoras respectivamente de sagu vulgar, acastanhado, e de sagu real, branco, o melhor). Amostras destas substâncias foram doutamente estudadas pelo nosso ilustre Secretário-Geral Pereira Forjaz; as suas conclusões, trazidas à Academia, afirmam tratar-se de substâncias constituídas quase exclusivamente de hidratos de carbono.

Normalmente os porcos não recebem quaisquer cuidados por parte dos donos, sustentando-se com o que encontram. Por vezes têm pocilgas, construídas com grossos bambus ou pedaços de madeira sobrepostos e fixados por cavilhas da mesma natureza ou fibras vegetais. Também constituem fonte de receita — é vulgar verem-se homens transportando suínos para os «bazares» ou mercados periódicos, de patas e focinho amarrados, postos transversalmente diante de si sobre o dorso de cavalos providos de sela modestíssima ou sem ela, e aos ombros ou ainda em alongados cestos cilíndricos confeccionados de tiras de bambu entrecruzadas, a formarem largas malhas. Evitam que os animais invadam as hortas e plantações, servindo-se para o efeito de triângulos de bambu ou de madeira colocados ao pescoço dos porcos, impedindo-os também de entrar nas habitações providas de portas estreitas e de soleira pouco elevada.

A carne de alguns suínos, muito gordurosa, é bastante apreciada pelos timorenses; em regra, lavam-lhes apenas e ligeiramente os intestinos. Os porcos são vulgarmente sacrificados em «estilos» ou cerimónias mágico-religiosas, conjuntamente com búfalos ou em

substituição destes no que respeita ao «barlaque», penhor ou dote nupcial: enquanto o noivo ou sua família oferece búfalos (e às vezes cavalos, cabras ou outros valores) aos pais ou parentes próximos da noiva, os familiares desta concorrem com um porco gordo para o repasto, em que combinam a celebração do matrimónio. Destes despojos, só os parentes masculinos do noivo podem servir-se.

Segundo José B. Rodrigues, em terras de «loro saén» ou leste da província, o abate desse suíno obedece a determinadas formalidades rituais. Morto o animal, um homem experimentado abre-lhe o torax, recebendo como gratificação pelo trabalho uma pataca, cêrca de cinco escudos; a seguir, outro técnico nativo retira os intestinos e prepara-os para cozinhar, libertando-os da maior parte do conteúdo, serviço igualmente pago com uma pataca. Depois, um parente da noiva extrai os rins, oferecendo-os aos pais do futuro marido, e outro corta uma tira de carne do tronco do porco, que vai das patas anteriores às posteriores, destinada ao noivo, a ingerir por ele e pelo pai; nenhuma mulher poderá comer desta carne, de contrário morrerá. Finalmente, um homem idoso retira o baço e, com outros anciãos, examina o orgão com grande cuidado, a fim de adivinharem o desejado futuro da noiva: vida longa, prole numerosa, «um caminho que trará búfalos direitos a casa», dedicação ao marido, não próximo falecimento de parente nem perigo de morte. Seguidamente, repartem o baço, comendo-o após a cozedura. Cozinham as viandas do suíno com arroz, deglutindo-as sem acompanhamento de qualquer bebida alcoólica, sob pena de pagamento pelo transgressor de cinco búfalos ou de um par de brincos de ouro. Terminada a refeição, levam a noiva para a casa do noivo; nessa ocasião, sacrificam um cão e um cavalo, examinando atenciosamente os baços das vítimas; se o aspecto dos orgãos os não satisfazerem, matam outro cachorro, que os contentará, excepto se a vesícula biliar do animal se apresentar repleta — o facto entristece-os, mas não obsta a que a festa prossiga.

Suínos, cabras e outros animais, consoante as possibilidades económicas do agregado familiar, são abatidos por ocasião de todas as suas manifestações festivas profanas para as quais qualquer motivo constitui pretexto;um porco serve às vezes para pagamento pela família, possuidora de bens materiais, da assistência clínica e medicamentosa ministrada pelos curandeiros gentílicos, que imolam o animal ao «tei» ou tóteme da pessoa restabelecida.

Apesar de se ignorar quando os porcos apareceram em Timor e de os nativos não aludirem à origem dos animais, por vezes estes metamorfoseam-se em pessoas (geralmente mulheres) ou, recìprocamente, mediante o simples acto de despirem ou vestirem uma pele de porca. Os suínos representam ascendentes mitológicos de alguns povos timorenses. Victor Santa regista que parte dos componentes do grupo etno-linguístico dos Tocudedes de Liquiçá, concelho confinante, a oeste, ċom o de Díli, pensa descender duma porca cujos grunhidos, certo dia, um homem ouviu dentro de um bambu que abriu e de onde saiu uma leitoa — imediatamente transformada em linda rapariga, pelo contacto com as mãos do varão, que lhe retirou a pele. Casaram-se, mas só depois de a donzela lhe recomendar que colocasse a pele em sítio fresco, de contrário ela faleceria. Do casal houve prole que se perpetua em algumas famílias tocudedes, razão por que nunca deglutem a carne de porco, pois, segundo confessam, comeriam a de parente seu; se a interdição for desrespeitada, o infractor, sofrerá de aflitiva comichão geral, edema e morte certas. Todavia, se algum transgressor actuar impensadamente, obriga-se a pedir desculpas ao antepassado, expressas na realização de um «estilo» em que não faltarão a carne de cabrito, folha de bétele e noz de areca; o local onde costumam celebrar tal cerimónia pode ver-se perto da vila de Liquiçá — recinto cercado de bambus, para obstar à entrada de cabras, cuja presença profanaria o sítio sagrado.

Consoante informações de A. Pires Antunes e de Ezequiel Pascoal, entre os Mambaes da montanha — os mais primitivos —, também uma porca figura como antepassado, motivo por que se abstêm de deglutir viandas de suíno. Um mito corrente no posto de Hato Buílico, concelho de Suro, aliás, com pequenas variantes segundo as localidades, narra que dois homens solteiros, do suco de Nuno Mogue, donos de uma leitoa — que deixavam presa junto da habitação, quando iam trabalhar em horta distanciada de ali —, certo dia, ao regressarem da plantação, encontraram boa refeição pronta a tomar, o que não acontecia anteriormente; sucedeu o mesmo nos dias seguintes. Um deles, escondido entre os ramos de uma árvore, perto da morada, esperou por quem lhes preparava tão bem os alimentos. Entretanto, surgiu uma bela donzela que se dirigia à fonte, tendo deixado em casa a pele de leitoa embrulhada numa esteira; no regresso, a rapariga surpreendida tentou fugir, mas, segura pelo mancebo, não pôde metamorfosear-se em porca (outra versão diz que a pele fora queimada pelo homem). Do seu casamento provêm os naturais de Nuno Mogue.

Na ascendência dos Rai-Eço, um dos três grupos etnolinguísticos da ilha de Ataúro, figura uma toninha (ou dugongue?) vinda do mar, que havia ingerido os frutos, folhas e ramos dum gondoeiro; do tronco nasceu uma porca, morta por Deus e transformada em mulher, enquanto ele ia buscar lume ao céu para assar os despojos do animal. Deus metamorfoseou-a de novo em porca.

É crença vulgar, entre os naturais de Timor, de que as porcas bravas (e talvez, embora menos frequentemente, as cabras) são fecundadas pelo «sacoco» — estranho animal resultante da transformação de um frango em ser provido de cabeça e asas de galo e tronco e cauda de cobra, ostentando uma pena na cauda, com mais de três metros de comprimento. O nome do monstro deriva dos sons que emite: «coco, coco»; conquanto tenham sido ouvidos estes entes teratológicos,

poucas pessoas, até agora, viram o sacoco — quem observasse teria muita sorte, receberia bastante dinheiro!

Há anos, o Rafael — simpático ancião e delicadíssimo criado macassae, na residência do Governo da Província —, garantiu-me ter visto um sacoco, em Lahane (bairro dos arredores de Díli), junto de uma porca — o animal jamais acompanha os varrões; apareceu quando do rebentamento duma rocha, durante as obras de alargamento da estrada Díli-Aileu. Era vermelho, como o galo do mato, para onde veio a fugir mais tarde.

Em Baguia, concelho de Baucau, afirma-se que o sacoco não tem penas, mas possui esporões; quando pressente as pessoas, corre cèleremente para esconder-se num buraco. De noite, dorme em cima das habitações; então, pode atacar as pessoas, embora apenas a gente mais pobre, garantiu o meu informador.

José B. Rodrigues diz que numa rocha sobranceira a certa fonte sagrada ou «tei» de Nári, concelho de Lautém, julga-se estarem petrificados um porco e um cão, embora a morfologia deste não convença; quando vivos, lutavam furiosamente, sofrendo tão rigoroso castigo por haverem atravessado a água tabu.

2. Os macacos vulgares de Timor são abatidos para alimento por vários grupos etnolinguísticos — os Dagadás ou Fata Lucos, habitantes no concelho de Lautém, por exemplo, não os consideram gente; porém, já repugna a outros nativos utilizar suas viandas nas refeições — os Daduas, naturais do concelho de Manatuto, por alguns deles se crerem parentes dos símios. Um mito local refere que componentes deste povo começaram a falar pela boca, após o rebentamento, sob acção do fogo, de um bambu verde — até então falavam por uma

axila; entre eles contavam-se alguns que, cortando ramos e pondo-os à cintura, se metamorfosearam em macacos, os quais envergonhados, fugiram para o mato. Como os porcos, os macacos causam grandes prejuízos às plantações agrícolas.

Numa lenda da região da costa meridional de Timor, anotada por J. Correia de Campos, figura um macaco, filho de princesa e de génio máu, que vivia com seus tio sultão e tia, pais de três lindas filhas. A intervenção sobrenatural de pedaço da cauda de uma serpente fez com que o símio voltasse a ser um príncipe, belo e rico, e casasse com sua prima mais nova.

Na mitologia hindu existe o deus macaco, Marutí ou Hanuman, filho de Maruto, o deus dos ventos; invocam-no nas práticas curativas das doenças mentais e nos exorcismos dos possessos. Matar um destes primatas constitui um dos maiores pecados da religião hinduísta; é que, segundo o Ramaiana, algumas legiões de macacos ajudaram Rama, um dos avatares de Visnu, a conquistar Ceilão e a reaver sua formosa esposa Sitá, fazendo uma ponte com os seus corpos, ligados pelas caudas, entre o subcontinente indiano e essa ilha, pela qual puderam passar os exércitos vingadores.

3. Os nativos timorenses aludem, com frequência a um baleote ou toninha, sendo lícito, porém, admitir que se trate de dugongue, sirénio dos Oceanos Índico e Pacífico. Os Árabes chamam-nos camelos do mar. Este mamífero aquático costuma aparecer na foz das ribeiras da costa norte, no princípio das chuvas, principalmente em sítio não longe da costa do Posto Administrativo de Maubara, concelho de Liquiçá. Ninguém ousa pescar este animal, conhecido pelo nome de «carin-bêlo», sem prèviamente celebrar-se «estilo» propiciatório de bom êxito.

No dorso de uma baleia (toninha? dugongue?), dizem alguns Quêmaques (grupo etnolinguístico do concelho de Bobonaro) haverem chegado a Timor, vindos da Metrópole portuguesa.

Viandas de dugongue entram nas refeições dos Malaios, preferindo os animais jovens, menos gordos; as lágrimas dos sirénios doentes, vertidas em ocasião de perigo, são recolhidas por estas gentes, considerando-as famoso elixir de amor. Muitos Australianos utilizam o óleo de sirénio como mezinha heróica — parecendo ter as propriedades terapêuticas do óleo de fígado de bacalhau. Os dentes de dugonque gozaram de maior fama do que a sua pele; vários povos atrasados do litoral do Oceano Índico e alguns Australianos confeccionavam rosários, colares e braceletes com dentes, que ostentavam como amuletos, atribuindo-lhes virtudes sobrenaturais — um rosário facilitava parto feliz à mulher grávida que o usasse. Outrora, a pele do sirénio era tida em elevado apreço — há comentadores da Bíblia que admitem haver sido empregada na cobertura do Tabernáculo de Jerusalém.

Os Abissínios ingerem carne de dugongue — depois de a exporem alguns dias ao sol e de a salgarem e cozerem demoradamente.

4. As aves domésticas, mòrmente os galináceos e os pombos, constituem valores de interesse económico e animológico; das aves selvagens, umas são utilizadas como alimento e outras consideradas tabus, nomeadamente, as nocturnas.

Se os galos e galinhas vulgares dão carne e as últimas ovos que os Timorenses apreciam ou figuram em seus «estilos», os galos de combate são muito mais queridos. As aves, embora pertencentes à variedade dos outros galináceos de qualidade, sujeitam-se desde pequenos a especiais cuidados alimentares e de ordem higiénica e sexual.

Comem arroz ou milho escolhido misturado com substâncias julgadas portadoras de qualidades viris, que robustecem e comunicam valentia, entre as quais se conta o piripiri ou pimenta do Chile; criam os galos em recintos semi-escurecidos, sendo-lhes vedados contactos com galinhas.

Quando atingem certo desenvolvimento, cortam-lhes a crista e os barbilhões para, durante a luta, não serem atingidos nestes orgãos com bicadas do adversário, provocando hemorragias fatais; treinam-nos com outros galos de combate adultos e, quando aptos a entrar na liça, amarram-lhe sòlidamente comprida e afiada lâmina a um dos esporões. Nas brigas de galos observam-se regras tradicionais, bem conhecidas de todos os Timorenses, principalmente dos criadores — que os há, e muitos, nativos e até europeus. Consoante a cor das penas, assim os galos têm horas propícias ou não para combater vitoriosamente — relacionadas com a posição do Sol, que incide sobre a plumagem, de modo a reflectir-se malèficamente sobre a do outro contendor. Por isso, amiúde, os jogadores cometem fráudes várias, por exemplo, a de pintarem as penas dos galos da cor que julgam mais favorável.

Na sede de cada posto administrativo da Província existe um terreiro ou arena, destinada aos combates, travados normalmente em dia de «bazar» ou mercado. O local da luta pode reduzir-se a um cercado de espessos paus, com um metro e meio de altura, implantados no solo, ou a construções de pedra ou de cimento, executados por conta do Estado — que cobra por cada jogo determinada importância, recebida pelos sipáios, fiscais do cumprimento das regras do combate. Estes recintos visam a liberdade de manobra das aves e defendem os assistentes de serem atingidos pelas lâminas — os quais por vezes, entusiasmados e desatentos, têm sido vítimas de acidentes mortais. Aqui acorrem centenas de pessoas, vindas frequentemente de grandes

distâncias — o homem com o galo sob a axila, por via de regra com a cabeça da ave virada para trás. Uma das maiores ambições dos Timorenses é possuir bons galos de luta; para onde quer que se desloquem, acomponham-se sempre de galo muito bem tratado, e, enquanto trabalham, por conta própria ou alheia, as aves estão presas a estacas, perto dos donos e sob o seu olhar, para lhas não roubarem. Antes de cada combate fazem-se numerosas apostas, habitualmente quantiosas, lembrando as das corridas dos cavalos dos Ocidentais. Um ou alguns dos homens presentes, interessados e mais atilados, recebem a importância de cada um dos apostadores; estes, mesmo analfabetos e sem tomarem qualquer apontamento, no fim da briga, sabem com exactidão quanto cabe a quem jogou pelo galo vencedor.

O combate de galos constitui um espectáculo impressionante e colorido, não só pelos panos gentílicos tradicionais da numerosa assistência e pelas penas que adornam a cabeça de muitos nativos, geralmente só de homens, que se manifestam ruidosamente por meio de incessantes e altos gritos de incitamento, palmas e saltos; a crueldade de que se acompanham estes torneios recorda as touradas com touros de morte ou, melhor ainda, os combates de antigos gladiadores dos circos romanos. Os dois galos entram na arena ao colo dos donos, sendo colocados no chão, frente a frente, seguros pelo tronco pelos respectivos proprietários, que os aproximam ou afastam, para os estimularem, até verificarem que, enraivecidas, as aves se esforçam por desprender-se e atacar, momento em que são largados, saindo ràpidamente seus portadores da arena. Em regra, a refrega, feroz, dura poucos minutos, pois um dos contendores ou ambos, feridos gravemente pelas lâminas afiadas, caem exangues. O primeiro que tombar será o vencido, pertencendo ao dono da ave vencedora — que antigamente se obrigava a oferecer ao sipáio uma perna da vítima. Se um dos galos desiste de pelejar e foge cobardemente, é vaiado pela multidão e considerado vencido — e, ainda vivo, por vezes, arrancam-

-lhe barbaramente as duas pernas! Há galos valentes e ousados, com muitas vitórias no seu *curriculum* de lutadores e, outros que morrem no primeiro combate; aqueles são muito temidos e requestrados, a ponto de os negociarem por elevado preço.

À semelhança do que, na Idade Média, acontecia por vezes com os torneios de cavaleiros dos países do ocidente europeu, as brigas de galos timorenses podem resolver problemas importantes da vida político-social e animológica dos Timorenses — por exemplo, o casamento de certa princesa que, sobrenaturalmente, vertia lágrimas de ouro quando chorava, e lançava flores pela boca ao falar, de cujo drama darei algumas notas, baseado em informações de Correia de Campos.

Um príncipe, enamorado desta, ao revelar o seu desejo ao irmão dela, rei de região contígua, replicou-lhe que só consentiria no enlace se o seu galo de combate fosse derrotado pelo do pretendente; no caso de o galo deste ser vencido, perderia também o território de que era soberano. Aceites tais condições, travou-se a peleja, saindo vencedor o galo do apaixonado príncipe, assentando-se logo na data do matrimónio, o qual só viria a consumar-se após várias dificuldades. Devido à fama da invencibilidade dos galos de dois irmãos gémeos — que suas más tias substituíram, junto da mãe, por dois cachorros —, levaria os jovens a contactar com seu pai, e, derrotando os galos do progenitor, o monarca lhes propôs nova briga com os dois mais fortes galos do seu reino; a proposta foi admitida pelos rapazes com a condição de lhes entregarem a cadela à porta da casa, sua mãe, caso vencessem; assim acontecendo, as crianças identificaram-se, tudo acabando em bem.

O galo emprestou a sua designação a diversos topónimos timorenses, por exemplo «Manu coco», literalmente «canto do galo», apelido do

monte mais elevado de Ataúro, onde cantou o primeiro galo da ilha, logo que se retiraram as águas que a cobriam quando se formou. Manatuto é nome da vila e do concelho situados a leste do Díli, deturpado por nós — o verdadeiro é «manu Tuco», cuja interessante etimilogia merece ser registada aqui, tal como me foi apontada pelos naturais Galólens.

Há séculos, quando os Indonésios pretenderam apoderar-se de Lifau — a primeira capital de Timor Português, situada em Oè-Cusse —, procuraram o comandante da fortaleza para este lha entregar; este recusou-se, invocando o facto de esta pertencer a seu irmão D. Mateus, governador de Manatuto, a quem os interessados deviam dirigir-se. Os Indonésios, em número considerável, assim fizeram, transportando-se num grande navio. Chegados a Manatuto, o chefe da expedição desembarcou e dirigiu-se a D. Mateus, dizendo-lhe ao que vinha. O governador não satisfez a pretensão, e o comandante indonésio lembrou-lhe que dispunha de poderosa e aguerrida guarnição, podendo obrigar D. Mateus a aquiescer pela força. Para demonstrá-lo, mandou buscar à sua embarcação um saco cheio de milho, que despejou diante do seu interlocutor, declarando: «Os meus soldados são tantos quantos estes grãos; conte-os para saber o número deles». D. Mateus, imperturbável, assobiou de certa maneira e logo surgiram algumas centenas de galos que deglutiram todos os grãos em poucos minutos. Virando-se para o estrangeiro, assegurou-lhe que aconteceria coisa semelhante a ele e aos seus homens se ousassem atacar. O comandante reembarcou e partiu para a sua terra. Porque os galos — «manu» —, quando se alimentam, batem com o bico no chão — «tuco» —, como recordação de tão honrosa efeméride a localidade passou a designar-se Manu Tuco, Manatuto.

5. Várias lendas e mitos se conhecem em Timor relacionadas com as enguias, de que focarei alguns.

Os Timorenses crêem geralmente que as enguias estão na origem das fontes e ribeiras, onde por vezes elas abundam; por esta razão não as pescam, molestam ou comem, sob pena de as mesmas secarem. Nas terras de leste, tais nascentes e cursos de água são «lúliques», «teis» ou sagradas, sobretudo aquelas em que mergulhem as raízes das árvores marginais. Os Cairuís (grupo etno-linguístico situado a leste de Manatuto) privam-se de ingeri-las com receio de comichão e de seus corpos se cobrirem de feridas.

Segundo informação de Victor Santa, em Liquiçá, a enguia está na ascendência de alguns Tocudédes, assim justificada. Certo dia apareceu numa ribeira «Labaere Goa Lúi», literalmente, «enguia de cova, água ou regato»; transformou-se em mancebo quando uma rapariga da região ali fôra buscar água; casou com ela e de seus filhos provêm algumas famílias de Tocudédes actuais que, por tal motivo, não consomem o peixe. Porém, outras populações — Lòleis (Díli), Becais (Bobonaro), Dàduas (Manatuto) — utilizam a enguia como alimento.

Segundo o mesmo autor, no lugar em que actualmente fica o charco de Caicóli, em Díli, existiu outrora uma povoação em cujo centro se situava uma nascente onde vivia uma grande enguia. Certo dia uma mulher pescou-a e matou-a com a catana, dividindo-a em tantos pedaços quantos as famílias da aldeia, às quais os foi oferecer. Logo que os bocados do peixe foram lançados nas panelas cheias de água, esta entrou em ebulição, emitindo vozes, «rôto, rôto nái naben», ao mesmo tempo que o líquido saía das vasilhas e invadia o povoado, submergindo-o. As moradias ruiram, as culturas e gados foram arrastados pela enxurrada, enquanto os habitantes fugiam precipitadamente, sem olhar para trás, alguns deles se afogando. Os sobreviventes subiram até a Lahane, para lá construírem nova povoação, mas impedidos pelas circunstâncias, foram fixar-se a três quilómetros de ali, num lugar em que vivem actualmente alguns dos seus

descendentes. Há perto de quarenta anos, no charco de Caicoli, ainda podiam ver-se os prumos das casas destruídas.

O mesmo informador anota outra lenda, pequena variante da versão precedente. Em tempos sem data existiu uma povoação onde agora é o pântano de Caicoli; ao centro da aldeia havia um poço com água, habitado por uma enguia sagrada, vista um dia, por quatro Timorenses; apanharam-na, havendo-a depois cortado em quatro pedaços que puseram a cozer numa panela de água. O líquido começou a ferver, ouvindo-se as seguintes palavras em língua tetum que em português significam «amanhã de manhã, a terra encher-se-á de água», expressões estas repetidas mais duas vezes. A água transbordou imediatamente, caindo em catadupa da panela para o chão, tanta que os nativos tiveram de nadar e, cansados, acabaram por afogar-se. As casas desmantelaram-se, desapareceram quase por completo, levadas pela torrente indomável. No sítio da povoação ficou o pântano actual. Alguns Timorenses afirmam que ainda presentemente se observam os prumos da habitação em que se cozinhava a enguia sagrada.

Outro mito relatado por Victor Santa narra que, há muitos anos, a linda filha de pessoa altamente qualificada apaixonou-se por um mancebo ricamente vestido, ostentando luas, pulseiras e braceletes de ouro. Embora natural de Maubara, era desconhecido na região, onde uma noite apareceu a dançar, em festa de «pisa do néli» ou debulha do arroz com os pés. Sequiosa, a beldade foi beber água a uma ribeira próxima, lá ficando metamorfoseada em enguia.

Numa nascente de Baucau, há enguias alimentadas pelos nativos com arroz e coco ralado, a fim de elas lhes darem felicidade; se os peixes morrerém por acidente, a fonte secará e, com este mal, outros advirão para os povos locais. Se alguma das enguias salta para fora da água,

o chefe nativo local, servindo-se de um pano encarnado, repõe-na com todo o cuidado na água de modo a não magoá-la. Num regato de Viqueque vive uma grande e grossa enguia sagrada, à qual oferecem diàriamente pedaços dum peixe, especialmente escolhido.

Como alguns povos de Timor, os de mais ilhas do mar da Banda veneram as enguias, movidos por motivos de índole totémica ou mágico-religiosa e porventura sanitária ou económica. Os Maoris e outros Polinésios consideram a enguia equivalente à serpente bíblica que seduziu Adão e Eva. Nas ilhas Carolinas e Marquesas há correntes de água sagradas, de cujos peixes se servem apenas em alguns meses do ano (certa espécie de enguia grande só é pescada fora do período de defeso, quando têm absoluta carência alimentar).

No Egipto antigo a enguia era venerada como divindade; os Hebreus não podiam comer este peixe; por não possuir escamas nem barbatanas peitorais, seus preceitos religiosos consideravam-no impuro. Felupes e Baiotes da Guiné Portuguesa abstêm-se de ingerir despojos de enguia, por virtude de lembrar-lhes a jibóia ou irã-cego, muito respeitada entre os povos da África Ocidental, onde a ofiolatria está generalizada.

6. Findas as considerações que pretendia fazer, as conclusões não diferem muito das expostas na minha comunicação de há dois meses:
(a) A influência do ciclo cultural austranesóide verifica-se nas atitudes e deferências para com a enguia; as manifestações de totemismo em Timor devem provir do norte da Austrália, via Nova-Guiné, típicas do ciclo totémico;

(b) A presença do ciclo indóide em Timor revela-se no gosto geral pela «masca» — mistura de bétele, areca e cal —, nos combates de

galos e, porventura, nos adornos da cabeça dos homens com penas de galináceos — Crisna incarnação de Visnu, enfeita-se com penas de pavão —, e no enorme respeito pelo macaco e apreço pelo dugongue — o mito da sereia, nascido na Índia, baseia-se materialmente neste sirénio;

(c) O influxo do ciclo islamóide evidencia-se no conteúdo e no estilo de alguns mitos e lendas de Timor, a recordarem as «Mil e Uma Noites». Os protagonistas timorenses desempenham papéis análogos aos dos famosos contos árabes. Repetirei ser lícito admitir que o autor desse livro se tenha deixado influenciar pelos relatos dos viajantes prè-muçulmanos, que visitaram várias ilhas do Mar da Banda muito tempo antes da conquista maometana, posteriormente transplantados e afeiçoados à mentalidade dos Árabes.

ANTÓNIO DE ALMEIDA

(Comunicação apresentada na sessão da classe de Ciências em 15 de Abril de 1971)

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, António de — *Das mutilações étnicas dos aborígenes de Angola.* Lisboa, 1937.

— *Das mutilações étnicas dos nativos da Guiné Portuguesa.* «Actas do Congresso Colonial». Lisboa, 1940.

— *Carne de mamíferos — tabu alimentar dos nativos das Colónias Portuguesas.* «Boletim Geral das Colónias», n.º 238. Lisboa, 1945.

— *Carne de peixes — tabu alimentar dos nativos das Colónias Portuguesas.* «Boletim Geral das Colónias», n.os 242-243. Lisboa, 1945.

— *Carne de mamíferos aquáticos — tabu alimentar dos nativos das Colónias Portuguesas.* «Boletim Geral das Colónias», n.º 245. Lisboa, 1945.

— *Animais aquáticos — tabus alimentares de incultos e de civilizados.* «Anuário da Escola Superior Colonial». Lisboa, 1945-1946.

— *Das mutilações étnicas dos indígenas de Timor Português.* «Boletim Geral das Colónias», n.os 251-258. Lisboa, 1945.

— *Notas sobre artes e ofícios de nativos de Timor Português.* «Garcia de Orta». Vol. 7, n.º 3. Lisboa, 1959.

— *Sereias de Além-Mar.* «Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências». Tomo VIII. Lisboa, 1960.

— *Aspectos da etnozoologia timorense.* «Memórias da Academia das Ciências de Lisboa» (em publicação).

— *Lições de Ergologia do Ultramar Português.* Inédito.

ANTUNES, A. Pires — *Monografia apresentada no concurso para administrador do Quadro Administrativo de Timor Português.* Inédito.

BAUMANN, H. & WESTERMANN, D. — *Les peuples et les civilasations de l'Afrique suivi de les langues et l'education.* Paris, 1948 (tradução francesa).

CAMPOS, J. Correia de — *Mitos e contos do Timor Português.* Agência Geral do Ultramar. Lisboa, 1967.

PASCOAL, Ezequiel Enes — *A alma de Timor vista na sua fantasia.* Braga, 1967.

RODRIGUES, José B — O rei de *Nari.* Agência Geral do Ultramar. Lisboa, 1962.

SÁ, Artur Basílio de — *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense.* I Volume. «Estudos de Ciências Políticas e Sociais». Junta de Investigações do Ultramar. Lisboa, 1961.

SANTA, Victor — *Monografia apresentada no concurso para administrador do Quadro Administrativo de Timor Português.* Inédito.